# Master Negative Storage Number

# OCI00048.35

Neves, F.M.P.

A perdição de uma mulher vaidosa

Rio de Janeiro

1876

Reel: 48 Title: 35

# BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
## PRESERVATION OFFICE
## CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

## RLG GREAT COLLECTIONS
## MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
## JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

**Master Negative Storage Number: OCI00048.35**

Control Number: BBJ-2143
OCLC Number : 06926422
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 4
Author : Neves, F. M. P.
Title : A perdição de uma mulher vaidosa / por F.M.P. Neves.
Imprint : Rio de Janeiro : Livraria de A.T. de Castro Dias, 1876.
Format : 14 p. ; 18 cm.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

**MICROFILMED BY**
**PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)**
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-29-94
Camera Operator: CG

# A PERDIÇÃO

## DE UMA

# MULHER VAIDOSA

POR

F. M. P. NEVES

**Rio de Janeiro**

LIVRARIA DE A. T. DE CASTRO DIAS, EDITOR

154 Rua das Violas 154

**1876**

IW
381.5698
08383
no. 4

# CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

JOHN G. WHITE COLLECTION
REFERENCE DEPARTMENT

*No.*

ALL persons are entitled to the benefits of the Library unless debarred by transgressing the rules. Perfect quiet must be maintained. No use of books will be allowed to persons with unclean hands; neither will it be permitted to handle books roughly.

Any injury, mutilation, or defacement of books or other property of the Library, is a violation of the following statute of the State of Ohio:

"Section 6863. Whoever maliciously destroys or injures any property not his own, shall, if the value of the thing destroyed, or the injury done, is one hundred dollars or more, be imprisoned in the penitentiary not more than seven years, or less than one year, or, if the value is less than that sum, be fined not more than five hundred dollars or imprisoned not more than thirty days, or both."

C. P. L. Form 1218-Main. 1m. 12-10.

W 381 · 5698 P8383N04

# A PERDIÇÃO

DE UMA

# MULHER VAIDOSA

POR

F. M. P. NEVES.

**Rio de Janeiro**

Livraria de A. T. de Castro Dias.

154 RUA DAS VIOLAS 154

**1876**

CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

# AO LEITOR

A roseira para dar
E o menino p'ra aprender
Ambos precisão de ter
Quem bem os saiba tratar;
E se isto não fizerem
Por lastima ou por amor
Muito breve hão de ver
Um sem fruto outra sem flòr!

AUG 21 1911

AUG 15 1917

# A PERDIÇÃO
## DE UMA
# MULHER VAIDOSA

Tão cedo, e na flor da mocidade,
Uma pobre minina se perdeu!
Entregando-se ao luxo, e a vaidade
Na pobresa, e na miseria, assim viveo

Trabalhar não sabia, nem sequer,
Os arranjos da casa preparar;
Somente tinha o nome de mulher,
Mas não tinha aprendido a trabalhar

Neste mundo enganoso, inconstante
A tocar, a dançar, se alegrava;
E no peito, com a voz palpitante,
De continuo ao piano cantava.

Muito geito, é verdade e com graça
Se podia escutar a modinha;
Não sabia lavar uma calça,
Mui peior, entender de cosinha!

Costurar, não fallamos então,
Para ella era desconhecido;
Não sabia pregar um botão,
Nem tão pouco fazer um vestido.

Os seus pais, conhecendo a pobreza,
Que vivião, sem ter protecção;
Só quirião viver na riqueza,
No futuro, uma vil perdição!

Na estrada espinhosa do vicio,
Sem ter brio, trabalho, e amor;
Não olhavão, para o precipicio,
D'essa filha, botão inda em flor!

Qual a planta mimosa crescendo
Foi crescendo tambem a menina;
Por um moço de amores morrendo
Quiz casar-se, (talvez sua sina!)

Dezasseis primaveras contava,
Em seo peito lhe ardia a paixão;
Tendo tudo, uma cousa faltava,
De seus pais exemplar creação!

Nem um dote sequer possuia,
Para breve um marido encontrar;
Mas assim preguiçosa e vadia,
Quem queria com ella casar?

Por exemplo, qualquer um vadio,
Que ao trabalho, tivesse aversão;
Era esse sem ter honra nem brio,
Que podia pedir sua mão!

Porque sendo mulher preguiçosa,
Qnem procura com ella casar?
Quem só gosta de andar viciosa,
E não quer ao marido ajudar!

O seo pai procurara casal-a,
Mesmo assim sem dinheiro, e vadia
Tudo fez, para emfim desposal-a,
Foi baldado, ninguem a queria!...

Assim triste pensando na vida,
Passa o tempo a menina vaidosa;
Hoje, logo, amanhã divertida,
Sempre estava a menina orgulhosa!

Em passeios, theatros e bailes,
Sempre alegre, e mui folgazã;
Para distrahir os seos males,
Volta a casa, ao raiar da manhã!

Traja sedas, velludos, e rendas,
Dos pelintras, mettida nas rodas;
E dos mesmos recebe as offrendas
E assim não lhe escapão as modas!

Paulo, Sancho e Martinho, namora
Mette todos no seu coração;
Come os cobres de alguns, pula fòra
E' assim a sua occupação!

Falla destes, daquelle, e de todos,
Sem vergonha e descaramento;
E assim com esses máus modos,
Tinha isso por divertimento.

Sem poder se queria vestir,
Qual rainha elegante e formosa;
Quando á rua queria sahir
Bem vistida com todos dengosa!

Os seus pais mesmo assim na pobreza
A vontade fazião á filha;
Dezejavão a ver na grandeza,
Ser do mundo a melhor maravilha!

Houve um dia, que teve um cartão
Para um baile de moças luzido,
Mas faltava para ir a funcção,
Um bonito, e bem feito vistido!

Logo o pai, e a mãi, calculárão,
Sua filha uma missa esmollar;
E p'ra rua a menina mandarão,
Uma missa para almas tirar!

A menina não teve preguiça
O producto da missa alcançou,
Para compra d'um bello vistido,
E botinas, p'ra tudo chegou...

A menina sagaz e mui linda,
A um homem enganou facilmente,
Lhe dizendo que paixão, mui infinda
Consagrava em seu peito innocente!

Que com elle queria casar-se,
Por assim ser do mundo tal sorte;
Que com elle queria juntar-se
E ser sua mulher, té a morte!

Finalmente casou a menina,
Com um homem d'alguma fortuna;
Sendo ella sagaz, e mui fina,
Procurou d'esse homem, a cafurna.

Este homem, que honesto ganhava,
Com trabalho, com honra e amor,
O dinheiro que tinha guardava,
P'ra algum dia, ser delle senhor.

Porem ella, mui fina e mitrada,
No futuro prestando attenção;
Foi com elle, a menina casada,
Mas, por ARRHAS por mais mitração!

Quatrocentos mil reis, foi o dote,
Que o homem, lhe deo como esposa
Porem ella lhe deo duro córte,
Por julgar inda ser pouca cousa

Tanto foi, que no dia seguinte,
A mulher lhe pedio uma escrava;
O marido correo qual pedinte,
Para ver se tal cousa encontrava.

Nem criada sequer encontrou,
Veio triste, zangado, e raivozo;
E assim como estava fallou,
Não estava portanto gostoso:

A senhora diz elle:—não sabe
Que é inutil na casa a criada?
O trabalho da casa lhe cabe,
Cozinhar, costurar, e mais nada!

Começou a mulher, mui tristonha,
Desgostoza a viver sem criada;
Ao marido a fazér carantonha,
Não querendo, fazer-lhe mais nada

De manhã muito cedo o marido,
Ia as compras fazer no Mercado;
No trabalho depois distrahido,
O dinheiro ganhava e honrado!

Quando as compras p'ra casa trazia
Dava a ella, p'ra o jantar fazer;
E cansado das fadigas do dia,
Vinha o pobre marido comer.

Porem quando chegava cansado,
Duas horas da tarde com fome!
Tudo crû, encontrava arrumado,
Este pobre e honrado b m homem.

A mulher lhe dizia chorando,
« Eu não sei como heide fazer;
Só se o fogo, é que vai cosinhando,
Para depois de cozido comer...

Se você me alugasse a criada,
Prompto estava na mesa o jantar;
Eu não posso não sei fazer nada,
Só o que sei é cantar e bailar! »

Oh! mulher, lhe responde o marido
Ajudar tu me deves tambem;
Deves sempre, trazer no sentido,
O trabalho, que fazes mui bem! »

Porem ella como sempre malcriada
Raivosa lhe responde, ao pé da lettra
« Eu não sou nem serei sua criada,
Se comida quizer compre uma preta»

« Cazei-me mas não p'ra trabalhar
Foi p'ra mais desfructar a mocidade
Bem póde meo senhor ir alugar,
Uma criada que tenha habilidade.

O marido quiz ver se podia,
Convencel-a a trabalhar
Porem nada consegnia,
Fazel-a subjugar

Ella sempre lhe dizia
Nada querer aprender;
E mesmo nada sabia,
D'uma mulher o dever.

E assim longos annos viverão,
Trabalhar, ella nunca quiria;
Desgostozos tormentos soffrerão,
Alguns tempos em desharmonia!

O bom velho tratou a comida,
Que viesse da casa de Pasto;
Muito embora mal cozida,
De despeza um novo gasto!

Procurou quem a roupa lavasse,
Emgommão-se tambem (tudo fóra)
Muito embora, o homem pagasse,
O dinheiro por sua senhora!

Um remendo, um botão se pagava,
Uma meia, sergida tambem;
Finalmente, a mulher não poupava,
Do bom homem sequer um vintem!

A mulher dia e noite passava,
A cantar, a dançar, a chorar!
Cousa alguma lhe incommodava,
Boa vida levava a folgar!

Outras vezes de raiva chorava,
Por não ir expandir os seos males;
E assim todo o dia passava,
A pensar nos theatros e bailes!

Era tudo porque o marido
Não lhe dava brilhantes de preço,
E tambem de velludo um vestido,
Ou de perolas custoso adereço!

Cada vez mais raivosa ficava
Por não ir passear bem vestida;
O marido já se desgostava
E passava cruel sua vida!

Nesta vida amargosa e tristonha
O bom homem a pensar começou
Por ser homem de muita vergonha
Má mulher logo e logo encontrou

Tambem ella, mulher preguiçosa,
Pouco apreço já dava ao marido;
Engolfada no luxo e vaidosa,
O amor já lhe havia perdido!

O marido, na vida scismando,
Sempre se estava a lembrar;
Muitas vezes o dinheiro gastando
Para assim a mulher contentar!

Finalmente agradou á mulher,
Procurando fazêl-a feliz;
Nada emfim combinar ella quer,
Os conselhos do esposo não quiz.

Quiz lhe dar um futuro brilhante,
Que ella fosse boa mãi, extremosa;
Porém ella, não sendo constante,
Zombou delle, por ser mui vaidosa.

Não cedeu do esposo ao pedido,
Nada quiz attender, nada, emfim,
E assim consumindo o marido,
Se tornou má esposa e ruim!...

Começou a tomar muita nota
N'um pelintra da moda chibante;
Começou namorando o janota,
Delle em breve se fez sua amante!

Porém elle sem eira nem beira,
Prometteu-lhe fazer a fortuna,
Lhe dizendo que tinha a cobreira
Mesmo dentro da sua cafurna!

O namoro seguio, foi avante
Com o tal individuo casquilha,
O qual elle arranjou n'um instante
Com uma beata que vio de mantilha

Durou um mez o tal namoro
Do tal janota de gosto:
Parece que foi agouro
Ficar ella sem encosto!

A beata de mantilha,
Que mui bem soube illudir:
Se o honrado marido a pilha
Tinha muito que ouvir.

Um dia que descansado
Estava em casa o marido,
Reconheceu estar roubado
E finalmente perdido!

Faltavão-lhe algumas joias
(Objectos de valor)
Que ella com suas tramoias,
Fóra de casa as foi pôr.

Todos estes objectos
De ouro brilhante e prata
Forão dados aos dous expertos,
Ao janota e á barata!

Pois que a mulher leviana
Já perd da e na tolice,
Fogosa na vida insana
Teve fé na beatice!

Perguntou-lhe onde estavão
Os objectos de valor,
Pois que em casa não se achavão,
Que lhe dissesse por favor...

Respondeu a mulherzinha,
De beiços todos virados;
que a uma certa velhinha
Os havia emprestado.

Como sempre endiabrada,
Acredita no amór;
Pelo janota apaixonada,
O coração vai depor

Não quiz pensar em mais nada,
E' disso só que ella trata;
E assim desenfreada,
Ama o janota e a barata!...

O janota, que tambem
Lhe consagrava amizade,
Embora sem um vintem,
Lhe promette alta vaidade!

Carros, criadas e bailes,
Theatros, joias, vestidos!
Para ella expandir os males
Dos seus amores perdidos!

Cegamente ficou ella
Engolfada no prazer;
Assim tão moça e tão bella
Foi bem cedo emmurchecer!

A mulher fica illudida
Pelas joias e velludo,
E depois ficou perdida,
Ao janota cedeu tudo...

Hum dia, quando o marido
Do seu trabalho cansado,
Chega a casa esbaforido,
Achando-se já roubado;

Exclama com voz insana:
Roubado!... que é do ladrão!
Essa mulher falsa e tyranna
De mim não terá perdão!

Nada, emfim... ouro, brilhantes,
Objectos de valor!
Para dar aos seus amantes,
E ganhos com o meu suor!...

O marido, furioso,
A pensar entristeceu,
Que tão cédo sendo esposo,
A sua esposa perdeu.

Desappareceu p'ra mim,
Plantando assim a discordia;
Dai-me, ó Deus! da vida o fim
E tambem misericordia!

Comtudo isto o marido
se julgou inda feliz
Por se ver livre, esquecido
De tudo que a mulher quiz.

E livre da gritaria
Dessa mulher viciosa,
Já o marido se via
Livre da fera teimosa!

Forão passados dez dias
Sem da mulher ter noticias;
Nestas crueis agonias
Perdeu todos as caricias.

Della já não se importava
Nem mais queria saber,
Nem em seu nome fallava,
Tudo, emfim, quiz esquecer...

Porém n'um dia fatal,
Em penoso desalinho,
Chega-lhe em casa um meirinho,
E separa-se o casal!

Da mulher se desquitou
O marido, homem honrado,
Ficando assim descansado
Da mulher com quem casou.

O marido foi chamado
A' presença do juiz;
Em juizo tudo diz,
Da mulher o máu estado!

Em presença desta fera
O marido se envergonha;
Ella, porém, mui tristonha,
A fallar tambem espera.

Ainda compadecido
Do triste e fatal revez,
Dá quatro centos mil réis,
Cujo dote promettido.

E depois, incontinente,
Se retira o bom marido
Descansado e esquecido
Da mulher impertinente!

Foi então que o tal janota,
Teve conhecimento
E soube que o casamento
Foi com arrhas e com tal quota!

O tal janota julgava
Que a mulher era ricassa;
Por lhe haver cahído em graça
O dinheiro lhe empalmava!

Porém achou-se enganado,
Julgando contos de rèis!
Neste tão triste revez
Tornou-se um pouco zangado.

Não chegava p'ra gastar
E passar alegres dias;
Não chegava p'ra luxar,
Nem tão pouco para orgias!

Comtudo sempre gastou
Em orgias o dinheiro;
E assim o tal bregeiro
Todo o dote lhe acabou!

Quando já sem mais um bago
O tal janota se vio,
Da mulher se despedio,
Por ahi andava vago!

Perdida toda a esperança,
Sem meios para passar,
Deixou-a além ficar
Ainda tão bella e criança!

N'um hotel deixa hospedada
A desgraçada mulher!
Não querendo mais saber
Que outr'ora foi sua amada!

E não mais foi elle visto,
Bateu as azas, voou...
Ninguem mais o avistou
Por este mundo de Christo!

Mas o dono do hotel,
Vendo alli a tal perua,
Fazendo grande aranzel,
Logo a mandou pôr na rua!

Não havendo recebido
O dinheiro da despeza,
Conhecendo a presteza,
Se tornou um atrevido.

. . . . . .

Então ella, arrependida,
Do erro e fatal loucura,
Pesarosa e consumida,
O seu marido procura!

Ajoelhada a seus pés,
Lamenta tão triste sorte,
Contando o fatal revez
E rogando a Deus a morte!

O marido, cuja magua
Acabava de sentir,
Com os olhos razos d'agua,
Mesmo assim não quiz ouvir...

Para sempre a desprezou,
Não mais lhe tinha amizade,
Nem tão pouco piedade
Para aquella a quem amou.

Neste momento a mulher
Se recorda do marido,
Olhando o duro soffrer
Que o tem tornado descrido!

Do trabalho, dos conselhos
Se recorda a desgraçada;
E do mundo esses espelhos
A tornárão abandonada!

«Agora é tarde, diz ella,
Cumprirei o meu fadario;
Minha virginal capella
Foi sacrosanto sudario!

Qual foi minha educação,
De fidalga... sim foi ella;
E o meu pobre coração
O que foi quando donzella?

Hoje o que sou? na desgraçá
Viverei no mundo além...
Perdi da belleza a graça,
Quem sou eu? hoje ninguem...

Desesperada da vida,
Sem encontrar lenitivo,
Neste mundo errante vivo,
E me chamão de perdida!...

Minha mãi, meu pai perdi,
Sou filha desventurada;
Tudo isso já soffri,
Hoje, emfim, sou desgraçada!

Só me resta um bemfeitor,
A quem, sincera, o estimo:
Meu padrinho é protector,
Me servirá de arrimo!»

Procurou ver o padrinho
Para amparo e protecção;
Mas o velho, sem carinho,
Nem sequer lhe deu a mão!

«Não quero, lhe diz o homem,
Nem por sombras que me ame,
Nem tambem falle em meu nome;
A senhora é uma... infame...

Vá-se embora! Eu não sou nada;
Seu padrinho já morreu!
A senhora foi culpada,
Por isso tudo perdeu...

Ainda mais abandonada,
Julgando um pai encontrar,
Nem pai, nem mãi, nem mais nada
A quer no mundo amparar!

Recorre á mulher das cartas,
Para o futuro saber,
Visto estar a sua vida
Que a não póde comprehender!

A mulher, fina e tratante,
Deita as cartas e logo diz
Que um futuro brilhante
A sua vida prediz!

Porém qual, tudo foi falso;
A mulher com tal cynismo,
Procurou armar-lhe o laço,
Fel-a cahir no abysmo!

Não contente ainda com isso,
Esta mulher tão vaidosa
Foi procurar o feitiço
Do temivel Juca Rosa!

Ella não gostou da graça
Do ajudante Quibombo!
Depois tornou-se devassa,
Levando assim grande tombo!

Andou á moda vestida
E luxou por alguns annos;
Tudo fez como perdida
Neste mundo de enganos!

Nas orgias encontrada,
No meio dos lupanares,
Por todos comprimentada
Ahi por esses lugares!

As muitas noites perdidas
A fizerão acabrunhar;
E ao mesmo tempo fizerão
Bem cedo a castigar.

Engolphada nos amores,
Molestias, tudo ajuntou;
Forão essas as bellas flores
Que no seu jardim plantou!

E assim bastante mal,
Sem protecção de ninguem,
Procurou o hospital,
Onde o pobre abrigo tem!

Alguns mezes se tratou,
E nada de ficar boa;
Regularmente ficou,
O tratamento foi á tôa!

Sendo moça, na verdade
Uma velha parecia;
O brilho da mocidade
No semblante escurecia!

Ninguem a quer procurar,
Fogem della com desprezo;
Não sabe se quer amar,
Nem sequer tem tal desejo.

Sente o peso da vergonha,
Da miseria e da fome;
E assim sempre tristonha,
Passa os dias, nada come!

Não tendo amor ao trabalho,
Sem ter nada que comer,
O que devia fazer?
Foi pedir um agasalho!

N'uma immunda quitandeira
Morava a mulher perdida!
Sua cama, velha esteira,
Bananas, queijo, a comida!

Era na rua onde outr'ora,
Um canno grande servia
Para por ás aguas fòra
E para a mais serventia.

A mulher soffre bastantes
Insultos, descompostura
Deste e daquelle tratante,
D'uma e d'outra criatura.

O seu traje é immundo,
Sua comida nojenta;
Emfim tudo experimenta
A triste mulher no mundo!

A desgraça é tamanha
Para cumprir sua sina,
Bordoadas até apanha
Da malvada preta mina!

Conhecendo o que passou
Do mundo na grande escola!
Uma mantilha arranjou,
Começou a pedir esmola!

Porém logo ao quarto dia,
Com o marido encontrou;
Uma esmola lhe pedia,
O que elle não negou!...

Deu-lhe uma esmola avultada
Sem saber a quem fazia;
A mulher ficou pasmada,
Sem saber a quem pedia,

Depois, olhando espantada
Admira o bemfeitor;
E recua admirada,
Dá um grito cai de dor!

O marido não querendo
Ser por alguem conhecido,
O desgosto foi soffrendo,
Mas bastante condoido!

Logo uma rede chamou,
E a mandou conduzir
Com a mulher que encontrou
Pelas ruas a pedir!

Como homem de virtude,
Nobre acção fez á mulher;
N'uma casa de saude
Foi-se restabelecer,

A' sua custa mandou
A mulher ser medicada,
E nella não mais fallou
Nem por elle visitada.

E depois que boa estava,
Começou a esmolar;
Assim a mulher andava
Por não querer trabalhar!

Olhando sempre se via
O marido pelas ruas;
Visto que bem podia
Elle fazer-lhe das suas!

O marido, escabriado,
O mesmo tambem fazia;
Para não ficar vexado,
Quando a avistava corria.

A policia em certo dia
Dá-lhe uma atracação;
Para o asylo a conduzia
Sem ter dó, nem compaixão!

Ahi ficou a coitada
Muito tempo sem sahir
Por não ter um'alma honrada
Que fosse por ella pedir!

Ahi escreveu a vida,
Que gravada na memoria,
D'uma mulher perfida
Ficou verdadeira historia

Depois que a mulher perdida
Sua historia fez patente,
Amolestada, doente,
Para o hospital foi conduzida!

Foi apenas vinte dias
Depois que se recolheu,
N'uma das enfermarias
A pobre mulher falleceu!

Como pobre e abandonada,
Pobre havia sepultar-se;
E n'um lençol embrulhada,
Na valla havia lançar-se.

Porém a fatalidade
Fez que o marido soubesse;
Mais um bem de humanidade
Em sua alma se accresce!

Indo, pois; ao hospital,
Pôde-a reconhecer;
Neste momento fatal
Jurou ser sua mulher!

Como sempre generoso,
Inda uma vez o quiz ser,
E um enterro pomposo
Mandou fazer p'ra mulher!

## MORALIDADE.

Se esta mulher infeliz
Pelos pais fosse educada
Não seria desgraçada,
Se assim foi como aqui diz;

Foi ella a propria que quiz
Cavar a sua ruina,
E com desgraçada sina
Um máu futuro prediz!

Eis-aqui, leitores meus,
Da menina a cruel vida,
Que abandonada e perdida
Nem della se lembrou Deus!

Desprezada pelos seus,
Foi trilhar triste caminho;
Até mesmo do padrinho
Nem sequer teve um adeus!

## CONCLUSÃO

Mimosa nasce a flôr, e vive linda
Se arrancada não for logo ao nascer;
Assim a virgem nasce e vive pura
Se o vicio não trabalha p'ra perder.

E' a belleza flor que se alimenta,
Se a virtude com ella caminhar,
Mas se a belleza fica só e foge a honra..
Ai daquella que tão só assim ficar!

A vida que era toda de innocencia,
Com a perda da candura se extinguio!
Desgraças só ficárão, desventuras,
E saudades d'um bem que lhe fugio!

Esse bem, dom do Céo porque suspira
A mulher ao archanjo assemelhou,
Que na terra a mulher é qual os anjos,
P'ra isso Deus na terra as collocou!

BRAZ MARTINS.

## A' VENDA NA MESMA LIVRARIA

Poesias de Francisco Pires Zinão, 1$000.
Conselheiro dos amantes. 1$000.
Proezas de um vagabundo, 200 rs.
Principe Cyrillo, 500 rs.
Vida e fadigas de um caixeiro, 200 rs.
Lyra do Trovador, 1$000.
D. Nuno Peres de Faria, 500 rs.
Diccionario das flôres, 500 rs.
Princeza Magalona, 500 rs.
Disputa da mulher com o marido, 200 rs.
João Brandão, despedida, 200 rs.
Livro dos sonhos, 600 rs.
Conto das fadas, 1$000.
Fabulas de Ullysses, 200 rs.
João de Calais, 500 rs.
Dous Proscriptos, 800 rs.
Judia e Noivado do Sepulchro, 200 rs.
O padre assassinado pelo sapateiro, 200 rs.
Cerração no mar, 200 rs.
Roberto do Diabo, 500 rs.
Um alho, scena comica, 200 rs.
O meirinho e a pobre, 200 rs.
Astucias de Bertoldo, 600 rs.
Donzella Theodora, 400 rs.
O Trovador Brazileiro, 500 rs.
Ciumes do bardo, 200 rs.
Historia da Bella e da fera, 200 rs.
Oração de Santa Catharina e Santo Agostinho, 200 r..

## A' venda na mesma livraria

Poesias de F. P. Zinão, 1$000.
Conselheiro dos amantes, 1$000.
Proezas de um vagabundo, 200 rs.
Principe Cyrillo, 500 rs.
Vida e fadigas de um caixeiro, 200 rs.
Lyra do Trovador, 1$000.
D. Nuno Peres de Faria, 500 rs.
Diccionario das Flores, 500 rs.
Princeza Magalona, 500 rs.
Disputa da mulher com o marido, 200 rs.
João Brandão, despedida, 200 rs.
Livro dos sonhos, 600 rs.
Contos das fadas, 1$000.
Fabulas de Ullysses, 200 rs.
João de Calais, 500 rs.
Dous Proscriptos, drama, 800 rs.
Judia e Noivado do Sepulcro, 200 rs.
O padre assassinado pelo sapateiro, 200 rs.
Cerração no mar, 200 rs.
Roberto do Diabo, 500 rs.
Um alho, scena comica, 200 rs.
O meirinho e a pobre, 200 rs.
Astucias de Bertoldo, 600 rs.
Donzella Theodora, 400 rs.
O Trovador Brazileiro, 500 rs.
Ciumes do bardo, 200 rs.
Historia da Bella e da fera, 200.

---

Typographia de A. T. de Castro Dias
154 Rua das Violas 154